

Editorial

DEZ ANOS DE ESPAÇO E CULTURA

Fundada em 1995, a revista Espaço e Cultura completa dez anos no lançamento dos números 19 e 20. Isso é uma enorme satisfação e regozijo em um país onde muitos periódicos têm existência efêmera, não atingem sequer alguns poucos números. Trata-se de uma vitória, de uma difícil vitória em um país, particularmente na área da Geografia, que não tem apreço pelos periódicos científicos que são, mais que os livros, divulgadores de idéias produzidas há pouco. Manter o periódico foi uma luta renovada a cada número. Muitas vezes, o lançamento de um número duplo foi necessário a fim de manter-nos em dia. Dez anos já se foram e esperamos que outros dez, ou mais, possam suceder.

Espaço e Cultura sempre teve uma política editorial focalizada na divulgação dos textos claramente identificados com a Geografia Cultural, tanto na matriz saueriana como francesa, quanto de matrizes mais recentes, pertencentes à heterotopia epistemológica de que nos fala James Duncan. Por outro lado, a revista privilegiou textos fundamentais, produzidos no passado, de modo a contribuir com a difusão da Geografia Cultural no Brasil. Assim, autores como Carl Sauer, Paul Fickeler, Denis Cosgrove, Jean Gallaís, Donald Meinig, Don Mitchell, Paul Claval, James Duncan e Raymond Williams tiveram alguns de seus textos mais significativos publicados em português pela revista Espaço e Cultura.

O periódico também reuniu textos apresentados em Simpósios Nacionais sobre Espaço e Cultura que o Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre Espaço e Cultura (NEPEC) organizou, além de publicar artigos de geógrafos brasileiros interessados na dimensão cultural do espaço. Bibliografias e resenhas foram objetos de publicação.

Cada campo ou subcampo do conhecimento científico tem sua própria trajetória que, no entanto, não se dissocia da trajetória da ciência em geral. São essas trajetórias específicas que singularizam diacronicamente cada um dos campos e subcampos, tornando-os identificáveis. Em cada um deles há aqueles que fizeram fluir, de modo marcante, a trajetória específica. Aqueles que pela criatividade e capacidade aglutinadas tornaram-se fundadores e líderes de Escolas. Outros lançaram úteis idéias sem, contudo, desempenhar o papel de líder de uma Escola, enquanto outros se destacaram mais pela qualidade e sistematicidade de seus trabalhos. Todos têm em comum significativas contribuições teóricas aos seus campos e subcampos. Resgatar sua contribuição é tarefa essencial, visando ao desenvolvimento futuro do campo ou subcampo e de novas gerações de pesquisadores.

Nesse sentido, o NEPEC organizou no segundo, terceiro e quarto Simpósios Nacionais sobre Espaço e Cultura, realizados em 2000, 2002 e 2004, uma mesa-redonda intitulada Matrizes da

Geografia Cultural. No segundo simpósio foram discutidas a obra de Carl Sauer e da Escola de Berkeley, de Yi-Fu Tuan, de Eric Dardel, o papel da nova Geografia Cultural e as relações entre espaço, economia e cultura, publicados em *Matrizes da Geografia Cultural*, EdUERJ, 2001. No número 16, o texto sobre as relações entre economia e espaço dá continuidade à discussão verificada no segundo simpósio. No terceiro simpósio, cujos textos foram publicados na revista *Espaço e Cultura* números 17-18, relativos ao ano de 2004, foram discutidas as contribuições de Augustin Berque e de Otto Schüter.

O presente número reúne essencialmente textos apresentados e discutidos no IV Simpósio Nacional sobre Espaço e Cultura, realizado de 25 a 27 de outubro de 2004. Estão divididos em duas partes. A primeira diz respeito às matrizes da Geografia Cultural, reunindo textos que discutem a contribuição de importantes autores à Geografia Cultural. A segunda reúne textos diversos apresentados neste evento.

Jörn Seeman discute o papel de Franz Boas na constituição da Geografia Cultural. Werther Holzer, por sua vez, apresenta a contribuição de David Lowenthal. João Baptista de Mello traça a trajetória de Anne Buttimer, um expoente da Geografia Humanística.

Na segunda parte, Paulo César da Costa Gomes versa sobre questões relativas à Geografia Cultural enquanto subcampo da Geografia. O texto de Sílvia Gil Filho discute uma proposição sobre as representações em geografia. Gilmar Mascarenhas aborda o futebol como forma simbólica, enquanto produtor de paisagens, tradições e identidades. Marcelo Câmara vislumbra os movimentos sociais bolivianos baseados nas etnias originárias do altiplano andino. Sônia Romancini investiga o significado simbólico da cerâmica e da viola de cocho para a comunidade de São Gonçalo Beira Rio. Para coroar, Paul Claval, num texto inspiradíssimo, discute a temática dos lugares da memória apoiando-se nas idéias de Pierre Nora.

Com grande alegria, compartilhamos com nossos leitores e colaboradores, que por dez anos contribuíram para o sucesso da nossa revista, a evolução da *Espaço e Cultura*. A partir do número vinte e um, a *Espaço e Cultura* será virtual. Tal fato viabilizará a expansão não apenas da revista, mas também da Geografia Cultural.

Finalmente, os agradecimentos. Os organizadores do IV Simpósio Nacional sobre Espaço e Cultura e o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura (NEPEC) agradecem o financiamento do CNPq e da FAPERJ, órgãos fundamentais para o sucesso e divulgação das idéias científicas em nosso País, para a realização do IV Simpósio e a publicação dos artigos completos das mesas-redondas ocorridas durante o evento.